

A PEDAGOGIA E AS EMPRESAS

PEDAGOGY AND BUSINESSES

Antonio Carlos Will Ludwig*

RESUMO

Este artigo tem por finalidade revelar a importância da Pedagogia e do pedagogo para as organizações empresariais. Inicialmente ele mostra que as concepções pedagógicas, desde suas origens até em período recente, foram aplicadas à instituição escolar. Em seguida indica que na atualidade os conhecimentos pedagógicos estão sendo empregados em espaços não-escolares onde incluem-se as empresas. Posteriormente, evidencia que as empresas, nos dias de hoje, tornaram-se estabelecimentos educativos perenes, fato que as colocam como dependentes da Pedagogia e do pedagogo.

Palavras-Chave: Pedagogia Empresarial. Sociedade do Conhecimento. Pós-Fordismo. Globalização.

ABSTRACT

This article aims to reveal the importance of pedagogy and the pedagogue for business organizations. Initially it shows that the pedagogical concepts, from its origins to in recent years, have been applied to the school. Then today indicates that the pedagogical knowledge are being employed in non-school which include businesses. Later evidence that companies nowadays have become perennial educational institutions, a fact that makes them dependent on pedagogy and pedagogue.

Keywords: Entrepreneurial Pedagogy. Knowledge Society. Post-Fordism. Globalization.

A evolução da Pedagogia nos revela uma multiplicidade de concepções educativas que prevaleceram em determinados períodos e locais específicos. Para vislumbrar algumas destas concepções podemos utilizar a tradicional divisão da história em quatro períodos, tal como fazem outros estudiosos de assuntos relacionados à dinâmica do tempo.

* Pós-doutor em Educação (USP). Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade de Tecnologia, Ciência e Educação (Fatece) – Pirassununga/SP. emil@linkway.com.br

Na idade antiga dentre outros países temos a China. Neste recanto do mundo, tivemos uma grande influência de Confúcio na educação familiar. Este filósofo propunha que os pais deveriam ensinar seus filhos a comportarem-se adequadamente perante os outros fazendo uma distinção entre moços e idosos. Na escola os alunos passavam pelos estudos elementares entre os sete e doze anos. Nesse lapso, aprendiam a valorizar as tradições nacionais e os deveres para com a vida em sociedade. Encerrada esta fase podiam iniciar os estudos superiores que tinham por meta formar pessoas letradas e capazes de assumir funções públicas.

Outro exemplo diz respeito à Grécia. A dimensão transcendental era um aspecto muito valorizado pelos gregos. No interior das famílias os jovens sofriam uma forte influência espiritual que ocorria de modo bastante frequente ao presenciar os pais invocando divindades, ao participar de eventos periódicos destinados a honrar antepassados e parentes já mortos e a permanecer próximo aos altares existentes nos templos. Na escola os alunos praticavam intensamente a ginástica para adquirir vigor físico, agilidade pessoal, resistência à fadiga e comportamento disciplinado. Essa prática estava em harmonia com a exigência desta sociedade em possuir um grande contingente de combatentes, uma vez que o estado grego de então era essencialmente expansionista.

Cabe destacar a existência de dois personagens gregos muito importantes que deram contribuições específicas para a educação. Um deles foi Platão. Este filósofo propôs cinco níveis de ensino para os jovens. O primeiro ia até os três anos de idade, e a criança devia aprender os bons costumes. O segundo, entre os três e os seis anos, ela tinha que aprender a conduta disciplinada. O terceiro, até os doze anos, envolvia o aprendizado de música, línguas, matemática e religião. O quarto, até os vinte anos, devia praticar a cultura corporal. O quinto, a partir dos vinte anos, destinado apenas aos alunos destacados, cabia o estudo da relação entre as diversas ciências e a filosofia. Outro personagem foi Aristóteles. Aristóteles propôs que as crianças entre sete anos até a puberdade tinham que submeter-se a um vasto programa de estudos que compreendia a ginástica, a música, a leitura, a escrita e a aritmética. Entre o início da puberdade e chegando até aos dezessete anos deviam aprender retórica, gramática, literatura, música, geografia e matemática. A partir dos vinte anos os melhores estudantes podiam estudar filosofia, ética e retórica.

Em relação à idade média devemos nos deter ao continente europeu. Em tal continente o ensino estava organizado com base nas escolas elementares e nos estudos secundários. Nas escolas elementares vigorava um programa religioso determinado pela

igreja católica composto pelo catecismo, pela história sagrada e por diversas orações, juntamente com o aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo. Nos estudos secundários predominava um currículo fundamentado no *trivium* que incluía a gramática, a retórica e a dialética e no *quadrivium* que abarcava a geometria, a astronomia, a música e a aritmética.

No ocaso desse período da história, emergiu o Renascimento que foi um movimento de renovação da cultura e das artes. A denominada Reforma, uma ação religiosa liderada por Lutero contra o estado de corrupção da igreja católica, teve o poder de gerar uma proposta educacional que retirava o controle da igreja sobre as escolas e o passava para o Estado (MAYER, 1967).

Inconformada com esta ocorrência, a igreja católica promoveu uma reação contrária alcinhada de Contra-Reforma. Uma das consequências mais importantes desta reação foi a criação de uma doutrina educacional pelo padre Ignácio de Loyola ao editar a *Ratio Studiorum*, um documento didático que previa em detalhes o modo de preparar a juventude. Seu conteúdo agregava o uso da preleção por parte dos professores, a competição entre alunos, a prática da memorização e a aprendizagem do grego, latim, filosofia, matemática e ciências.

Outro acontecimento relevante foi a edição da obra de Comenius, um pastor protestante professor e reitor de escola, denominada *Didática Magna: Tratado da Arte universal de Ensinar Tudo a Todos*. Ao manifestar sua atitude contra a pedagogia católica que se assentava no pressuposto da condução do aluno até à posição do professor, Comenius asseverava que o papel da escola era o de desenvolver as potencialidade do aluno, estimular sua capacidade crítica e especulativa, além de fazê-lo colocar em prática o conhecimento teórico assimilado. Nessa obra, Comenius apresentou um método geral de ensinar assim como métodos específicos relativos ao ensino de ciências, artes e línguas.

Quanto ao período moderno predominou nele o desejo de um ensino mais realista. Diderot e La Chalotais, por exemplo, defenderam o aprendizado da história natural, da química e da astronomia. Disseram que na escola valeria muito mais observar os fatos e fazer experimentos. Defenderam, também, a gerência do Estado na esfera educacional.

O desejo de um ensino mais realista pode ser melhor compreendido se atentarmos para o contexto da época. Com efeito, o cenário desse momento histórico agregava a diminuição do poder da igreja, a decadência da nobreza, o surgimento do

capitalismo e a ascensão da burguesia. O Iluminismo, movimento filosófico, político e cultural, emergiu nesse contexto e foi de suma importância para a educação porque estimulou o estabelecimento da escola moderna estatal, laica, obrigatória, universal, gratuita e desenvolvedora do intelecto e da razão.

No século XVII houve muitos intelectuais que apresentaram sugestões na área educacional. Giordano Bruno propôs o princípio da reconstrução do saber, Francis Bacon defendeu a proposta de estudo das línguas modernas, Descartes sustentou a opinião de que a escola deveria conceder um realce para o ensino da matemática e de seu método de busca da verdade, Spinoza enfatizou a importância da compreensão, da intuição e da liberdade de pensamento.

No século XVIII também fervilharam ideias pedagógicas oriundas de personagens importantes, entretanto mencionamos apenas a figura de Rousseau, pois este filósofo apresentou concepções extremamente valiosas para a educação. Ele enunciou três princípios fundamentais: o fim da educação não é o adulto e sim a criança, a escola não é uma preparação para a vida e sim a prática da vida, o processo ensino-aprendizagem deve respeitar as etapas do desenvolvimento individual.

Em relação à época contemporânea podemos dizer que o acontecimento mais destacado foi o início da criação dos sistemas nacionais de ensino. A França começou sua construção tendo por base o princípio da valorização da cidadania. Na Prússia ele foi planejado e concretizado para alcançar a regeneração moral do povo. Nos Estados Unidos da América do Norte sua arquitetura inicial fundamentou-se na concepção de defesa do regime republicano e na Rússia baseou-se na ideia de controle da população (GILES, 1992). Graças à crescente criação desses sistemas em outros países a educação começou a trilhar o caminho da sua universalização, gratuidade e laicidade.

Nesse lapso, o número de intelectuais destacados que apresentaram contribuições ao avanço da pedagogia foi bastante significativo. Dentre eles temos Pestalozzi que propôs a realização de uma educação intelectual fundamentada na intuição e na linguagem e de um processo de ensino realizado de modo gradual e progressivo cujo início devia partir dos elementos mais simples e avançar para os mais complexos. Valorizou o saber fazer, o respeito à personalidade do aluno e o estabelecimento de uma afeição mútua entre o mestre e o discípulo.

Herbart também possui uma contribuição importante. Dentre suas propostas cabe realçar seu método de ensino composto de cinco passos: a preparação que envolve a arrumação de um ambiente estimulador do desenvolvimento das ideias, a apresentação

sustentada por ilustrações, a associação que diz respeito à explicitação das semelhanças e diferenças entre as ideias, a generalização que agrega o progressivo aumento dos fatos e a aplicação ou o uso do saber nas atividades diárias.

Em data mais recente destacam-se as figuras de dois eminentes psicólogos: Piaget e Vigotsky. Piaget realizou uma série de pesquisas relacionadas ao conhecimento lógico-matemático, conhecimento físico, conhecimento social, desenvolvimento moral e evolução da linguagem as quais trouxeram implicações positivas para a área educacional. Vigotsky, por sua vez, ofereceu a esta área uma importante contribuição resultante de seus estudos. Ela refere-se ao nível evolutivo denominado zona de desenvolvimento proximal. Segundo ele, este nível permite que a criança, embora não seja capaz de aprender algo sozinha, com a ajuda de um parceiro mais experiente adquira esta capacidade (MELLO, 2004).

Não resta dúvida que os personagens de realce que ofertaram princípios e diretrizes para a educação são mais numerosos dos que os mencionados até o momento. Entretanto, estes bastam para o nosso propósito: revelar que a evolução do pensamento pedagógico apresenta-se carregada de propostas aplicáveis ao ensino nas escolas que abrigam crianças desde a mais tenra idade até o período da adolescência.

Assim sendo, o curso de Pedagogia oferecido ao público interessado, desde suas origens até em período recente, encontra-se voltado quase que totalmente para a instituição escolar. Em se tratando de nosso país, um breve retrospecto de sua evolução comprova esta assertiva.

Através de um decreto-lei editado em 1939, o curso de Pedagogia no Brasil teve seu início. Ele era constituído em dois ramos: bacharelado e licenciatura. Aqueles que concluíam o bacharelado recebiam o diploma de bacharel em Pedagogia, título que possibilitava exercer a tarefa de técnico em educação no Ministério da Educação. Aqueles que concluíam o programa de Didática recebiam o título de licenciado com direito a ministrar aulas nas Escolas Normais.

No final da década de sessenta do século passado, um parecer do Conselho Federal de Educação determinou que os concluintes do curso de Pedagogia deveriam receber um único diploma, o qual conferia o direito de lecionar nas Escolas Normais e exercer os cargos de especialistas nas áreas de orientação educacional, administração, supervisão e inspeção escolares.

A seguir, em meados da década de noventa, o curso de Pedagogia sofreu um abalo, pois foram criados os Institutos Superiores de Educação que ofereceram o

denominado Curso Normal Superior, o qual era semelhante e concorrente ao de Pedagogia, pois se destinava a formar docentes para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Em maio de 2006, o Conselho Nacional de educação baixou uma resolução que instituiu as diretrizes curriculares para a licenciatura em Pedagogia. Este documento que se encontra em vigor prevê que a referida licenciatura destina-se à formação do professor da Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Ensino Médio na modalidade Normal e apoio escolar na Educação Profissional, bem como em outras áreas onde estejam previstos conhecimentos pedagógicos. Estas outras áreas envolvem os espaços não-escolares destinados ao desenvolvimento da aprendizagem de pessoas que encontram-se em diferentes fases evolutivas e em vários níveis e tipos de processos formativos.

Os espaços não-escolares nos remete à denominada Pedagogia Social. Esta Pedagogia tem um enfoque progressista muito importante pois incide nos problemas sociais. Ela baseia-se na ideia de uma educação capaz de transformar tanto a pessoa quanto a sociedade. Seu alvo recai nos indivíduos portadores de necessidades especiais, idosos, presos, imigrantes, índios, etc. Um exemplo ilustrativo refere-se ao trabalho educativo de Paulo Freire voltado para os adultos das classes menos favorecidas. Possui também uma dimensão funcional, que diz respeito aos programas educacionais que acontecem em escolas de música, de línguas, de trânsito e de esporte.

Um desses espaços não-escolares que já mereceu a atenção de nossos governantes, através de legislação pertinente, refere-se ao hospital. Através de uma resolução federal publicada em meados da década de noventa do século anterior ficou estabelecido que as crianças e adolescentes possuem o direito de receber acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência em hospitais. No início do atual século outro documento do Ministério da Educação fixou as orientações e as estratégias para o atendimento em classes hospitalares.

A classe hospitalar foi criada para garantir aos jovens internados a continuação de seus estudos. Eles realizam o aprendizado dos conteúdos que estão sendo trabalhados em sua classe escolar. Assim, fica garantida a continuidade do processo de aprendizagem até o retorno à escola novamente. É uma tarefa do pedagogo ministrar as aulas ou planejar e supervisionar as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos hospitalizados.

Outro espaço não-escolar diz respeito à empresa que é o objeto de nosso interesse neste artigo. A denominada Pedagogia Empresarial, ao contrário da Escolar e da Hospitalar não recebeu até o momento, em nosso país, nenhuma regulamentação específica por parte da esfera governamental. Embora isso não tenha acontecido, sabemos que instituições de ensino superior, desde um certo tempo, tem oferecido cursos de graduação e, principalmente, de pós-graduação aos interessados em trabalhar em programas de treinamento e desenvolvimento de pessoal.

Esta oferta de programas formativos teve seu início em países estrangeiros, ou seja, em nações europeias e Estados Unidos da América do Norte. Em tais regiões do mundo e a partir do final do século XIX, a utilização dos conhecimentos pedagógicos nas empresas tornou-se imprescindível devido à crescente expansão do trabalho especializado que desencadeou o planejamento, a realização e a avaliação de projetos de treinamento pelos setores de recursos humanos.

Cabe observar que a organização desses projetos estava voltada para a aquisição e o aperfeiçoamento de habilidades específicas com vistas a diminuir os erros operacionais frequentemente cometidos pelos operários. Vale notar também que tais projetos estimularam os sistemas educacionais da época a criarem escolas profissionalizantes com a finalidade de enriquecer o treinamento dos trabalhadores.

A partir do século XX a atividade de treinamento de pessoal tornou-se uma área devidamente estabelecida no interior das empresas, obteve o status de ferramenta administrativa importante e evoluiu qualitativamente no decorrer do tempo, principalmente devido à passagem do estágio fordista/taylorista para o estágio pós-fordista/pós-taylorista da produção capitalista.

Na década de setenta do século passado, o acelerado desenvolvimento tecnológico, provocador da acirrada competitividade entre os estabelecimentos empresariais, mostrou claramente a relevância da formação continuada dos profissionais de todas as áreas.

Durante a década de oitenta, dirigentes de empresas localizadas em diversas partes do mundo passaram a investir recursos crescentes em programas de treinamento para todos os segmentos do quadro de trabalhadores.

Em relação ao nosso país a preocupação com o treinamento de pessoal firmou-se no decorrer desta década como resultado da crescente automação do processo produtivo, o qual provocou a exigência da profissionalização especializada dos trabalhadores para

acompanhar as mudanças que estavam manifestando-se devido às transformações tecnológicas em curso.

Os programas de treinamento dos trabalhadores estabeleceram-se nas empresas porque o sistema educacional da época não era capaz de atender as expectativas do mercado quanto à preparação de um profissional apto para o exercício das atividades laborais.

A baixa escolaridade dos operários, cuja maioria não conseguia concluir as quatro primeiras séries do ensino fundamental, a quantidade significativa de desperdício de matéria-prima por falta de capacitação profissional, bem como a dificuldade de oferecer produtos de qualidade ao mercado internacional, emergiram como fatores decisivos para que os programas de treinamento fossem devidamente valorizados.

Embora os programas de treinamento dos trabalhadores continuem existindo até hoje nas empresas destacadas, verifica-se que a partir das últimas décadas do século passado muitos estabelecimentos industriais e comerciais importantes passaram a priorizar os programas de educação corporativa, a qual é considerada pelos dirigentes empresariais como um recurso administrativo muito eficiente na busca da vantagem competitiva (FRANCO, 1999).

Esse recurso administrativo baseia-se no desenvolvimento de uma estrutura de capacitação voltada para a aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades por parte dos trabalhadores que vai muito além do aprendizado de saberes técnicos e instrumentais. Pode envolver, inclusive, clientes e fornecedores das empresas em seus cursos. O destaque atual incide nas denominadas universidades corporativas que, nos países mais desenvolvidos, contam-se às centenas. Em nosso país existem diversas delas tais como as da Brahma e do McDonalds. Estas instituições estão conseguindo formar uma força de trabalho de alta qualidade para enfrentar os grandes desafios do mercado globalizado.

O fato das empresas estarem fazendo investimentos crescentes nos programas de treinamento de pessoal e na educação corporativa, principalmente na abertura de universidades, mostra claramente que as mesmas tornaram-se instituições educativas. Esta transformação tem-se revelado imprescindível para garantir sua sobrevivência nos dias atuais.

A transformação das empresas em instituições educativas abriu um espaço significativo para a atuação do pedagogo. Vale lembrar aqui que a legislação vigente, isto é, as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia, propõe que o

pedagogo, além do exercício da docência nas séries iniciais do ensino fundamental pode atuar em outras áreas que exijam o emprego dos saberes pedagógicos, bem como participar do planejamento, execução e avaliação da aprendizagem em qualquer ambiente educativo.

Como integrante da área de recursos humanos de uma determinada empresa, o pedagogo tem a seu cargo as tarefas de coordenar o setor de atualização em serviço dos profissionais que dela fazem parte, planejar e desenvolver com o apoio dos colegas de trabalho, as atividades relacionadas à educação empresarial e assessorar os dirigentes empresariais em relação aos assuntos pedagógicos do momento.

Embora o pedagogo tenha à sua disposição este campo de trabalho, o que se percebe é que a grande maioria dos cursos de Pedagogia continua preparando-o para o ambiente escolar. Para formar um pedagogo que seja capaz de atuar em empresas faz-se necessário inserir determinadas disciplinas no currículo, tais como: Gestão do Conhecimento, Relações Interpessoais, Teoria das Organizações e Metodologia do Treinamento dentre outras (RIBEIRO, 2010). É preciso, também, prever a realização de um estágio supervisionado junto ao setor de treinamento e desenvolvimento de pessoal existente em muitas instituições produtivas.

A formação do pedagogo para a área empresarial, bem como os programas educacionais que se desenvolvem nas empresas necessitam ser concebidos dentro do atual contexto onde se encontram situados. Tal assertiva indica que os processos formativos são predominantemente condicionados. Entretanto, eles possuem um relativo grau de autonomia, o que lhes conferem a capacidade de exercer certo condicionamento na vida social.

Toda atividade educativa nos dias atuais encontra-se colocada num cenário jamais visto anteriormente. Os elementos integrantes desse cenário são a globalização, o neoliberalismo decadente, o pós-fordismo e a pós-modernidade. Cada um desses elementos faz exigências específicas às instituições encarregadas de educar as pessoas, sendo que algumas delas revelam-se muito difíceis de serem atendidas.

Um desses componentes, o pós-fordismo, que diz respeito ao estágio atual do capitalismo, alterou profundamente os processos produtivos. Na era fordista predominava a produção em série, fato que conduziu o trabalhador a exercer uma atividade bastante especializada. Não era difícil, então, preparar as pessoas para o exercício profissional, haja vista que as habilidades exigidas eram poucas, facilmente

identificáveis e estáveis no decorrer do tempo. Para capacitá-los bastava um rápido treinamento em serviço com a ajuda de um colega portador das destrezas requeridas.

No atual estágio pós-fordista a produção em série continua, porém de modo diferente. Agora ela tem que ser constantemente renovada a fim de oferecer novidades ao mercado, além de apresentar-se cada vez mais automatizada. Essa frequente renovação provoca constantes mudanças no perfil profissional exigindo novas capacitações. O oferecimento de novidades, por sua vez, requer um trabalhador capaz de contribuir para a elaboração de novos produtos a serem comercializados. Assim sendo, as habilidades de criar, inventar e inovar passam a ser muito valorizadas revelando que o trabalho atual tornou-se marcadamente intelectualizado.

Outro elemento deste cenário, a globalização, cujo sentido apropriado diz respeito ao incessante movimento de internacionalização do capital financeiro especulativo, mas que agrega também uma conotação mais ampla, ou seja, a da constante interdependência entre as nações, o intercâmbio cada vez maior entre os povos graças aos atuais meios de comunicação e transporte, interfere bastante no cotidiano das empresas.

Muitas empresas importantes colocam seus produtos no mercado internacional, os quais concorrem com outros similares. Esta concorrência exige que as mesmas sejam extremamente competitivas em termos do valor do objeto oferecido, bem como de sua qualidade. Tal competição tende a provocar mudanças nos processos produtivos, fato que conduz ao requerimento de novas exigências ao trabalhador e cujo resultado derradeiro é a sua requalificação.

Outra característica da globalização é o crescimento acelerado da disponibilização de informações que podem ser captadas de maneira relativamente fácil e transformadas em conhecimento. Essa passagem da informação para o conhecimento torna possível a invenção de novidades que são postas no mercado. Tal acontecimento colabora muito para a obsolescência de produtos e a criação e aprimoramento de outros, obrigando, então, o retreinamento dos trabalhadores.

Talvez a peculiaridade mais importante da globalização seja este assustador volume de informações atualizadas que encontram-se disponíveis a qualquer um sem limite de tempo e espaço, as quais podem ser transmutadas em saberes aplicáveis por pessoas que conseguem fazer esta mudança. A denominada Sociedade do Conhecimento (CASTELLS, 2010), onde nos encontramos inseridos, é uma decorrência direta desta característica marcante da globalização.

Este novo momento da civilização caracteriza-se pelo fato de que o processamento e a transmissão da informação possível de ser transformada em conhecimento são as fontes primordiais da produtividade e do poder. Assim, é indubitável que o domínio do saber constitui o elemento mais relevante da atualidade, porque é capaz de gerar a inovação do produto mais desejado pelo mercado e pelo governo de todos os países do mundo.

O emprego do saber, capaz de gerar as consequências efetivas almejadas, estimulou o surgimento de uma nova disciplina que possui aproximadamente vinte anos, ou seja, a Gestão do Conhecimento que tem por objeto de estudo a geração, a codificação, a apropriação e a disseminação do conhecimento, seja ele o do tipo tácito, aquele que é incorporado à experiência pessoal ou o do tipo explícito que é facilmente transmissível, sistematizado e comunicável.

Investimentos cada vez mais significativos têm sido concedidos a ela por parte das instituições que reconhecem a sua crescente importância para o atingimento da excelência organizacional e do ganho de vantagens competitivas. Em decorrência, tornou-se muito relevante para as empresas possuírem empregados produtores de conhecimentos aplicáveis.

O conceito de Sociedade do Conhecimento inclina-se a reforçar a Teoria do Capital Humano surgida em meados do século passado e muito valorizada nos dias de hoje. Um dos principais pressupostos dessa teoria é de que o trabalho qualificado pela educação constitui um dos meios mais relevantes para a ampliação da produtividade econômica e dos índices de lucro do capital.

Levando em conta as colocações anteriores podemos inferir que as empresas atuais tornaram-se instituições educativas perenes. Assim sendo, elas continuarão precisando cada vez mais da Pedagogia, pois esta área de estudo possui os conhecimentos necessários à implementação de programas de treinamento e desenvolvimento de pessoal. Conseqüentemente, o pedagogo apresenta-se como um profissional de suma importância para elas, uma vez que a responsabilidade pelo planejamento e organização desses programas deve ser dele ou de alguém que tenha realizado um curso de pós-graduação em Pedagogia Empresarial. A educação corporativa também não pode avançar sem o concurso do pedagogo e da Pedagogia.

Os empresários devem, então, interiorizar a certeza do valor da pedagogia para os estabelecimentos que dirigem. Os cursos de Pedagogia por sua vez devem sofrer as modificações necessárias para também atender esta outra crescente área de trabalho do

profissional da educação. E considerando que na sociedade atual as atividades profissionais encontram-se devidamente regulamentadas, tais como as pedagogias escolar e hospitalar, consideramos bem vinda uma proposta de normatização para o exercício laboral na área da pedagogia empresarial.

Referências

- CARVALHO, Antonio. **Aprendizagem organizacional em tempos de mudança**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Recursos Humanos**. São Paulo: Atlas, 2003.
- COSTA, Marília. **Psicopedagogia Empresarial**. Rio de Janeiro: Wak , 2011.
- FONSECA, Marília. A Pedagogia na empresa: suas origens, seus caminhos. **Rev. Cient. Univ. Barra Mansa**, v. 9, n. 17, jul. 2000.
- FRANCO, Dermeval. **Universidades Corporativas: uma realidade no mundo empresarial**. São Paulo: Abril, 1999.
- GILES, Thomas. **História da Educação**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2002.
- MAYER, Frederick. **Historia del pensamiento pedagógico**. Buenos Aires: Kapelusz, 1967.
- MELLO, Suely Amaral. A escola de Vigotsky. In: CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004. p. 135-155.
- RIBAS, Klevis; TOMAZETTO, Gesieli. *A Pedagogia Empreendedora e sua evolução nas organizações modernas*. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, Ano 2, n. 1, jul. 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/87022171/A-Pedagogia-empreendedora-e-sua-evolucao-nas-organizacoes-modernas>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- RIBEIRO, Amélia. **Pedagogia empresarial**. Rio de Janeiro: Wak, 2010
- TREVISAN, Neiva. Formação do educador para pedagogia nas empresas. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 1, 2012.